

O fio do destino na tessitura de nossa vida psíquica.

O pensamento junguiano propõe uma forma prática, em que, em um sentido de uma perspectiva panorâmica, é capaz de promover auto conhecimento psíquico, quando propõe um diálogo com a natureza da psique expressa por imagens psíquicas.

Nos confrontamos com o inconsciente, que foi precisamente mapeado e apresentado por Jung, como justaposto em duas camadas: uma com a qualidade de inconsciente pessoal, e outra com a qualidade de inconsciente coletivo.

Sendo o inconsciente pessoal, habitado de imagens psíquicas mais próximas a um contexto pessoal da consciência de um indivíduo, ou de um grupo específico, e é definido pelos complexos (marcas na psique carregadas de afetos); já o inconsciente coletivo, habitado por imagens mais apartadas da consciência pessoal, expressa imagens psíquicas que se repetem como padrões universais e coletivos, e é definido por imagens arquetípicas, ou seja, pelos arquétipos (um DNA da psique humana).

Assim como tecemos relacionamentos em nosso mundo exterior, com o intuito de estabelecermos conexões, contatos, encontros, enquanto construímos nosso network pessoal, da mesma forma, conexões entre a vasta rede de elementos psíquicos, de infinitas possibilidades, também vão sendo estabelecidas em nosso mundo interior.

Em nosso mundo interior, vão sendo formadas redes de conexões compostas a partir de nosso universo de fantasias inconscientes, com a finalidade de se expressarem na vida psíquica da consciência como se fossem *destino*. Alinhado a este juízo crítico, nos brinda o pensamento de Marie Louise von Franz:

Em si mesma, qualquer coisa tecida pode ser um padrão. Em alemão, temos a expressão 'um modo tecido de vida'. Dizemos 'o fio do destino, o fio da vida', mas o que é isso em termos psicológicos? *Eros* tece conexões entre nós e as outras pessoas, mas as conexões também podem ser internas. Conexão é uma boa palavra para isso. Por exemplo, falamos de uma teia de associações, em que todos os desdobramentos de um arquétipo formam uma rede. Todos eles se conectam um com o outro, entretecendo-se. É por isso que Jung diz que os arquétipos estão contaminados. Em latim, *contaminare* significa entrelaçar, entretecer. Assim, nossos processos mentais são como uma teia, uma rede de associações. Também nossos processos emocionais são uma rede. Fazemos conexões mas principalmente com nossa fantasia, que também é uma forma de associação e de realização de conexões. A fantasia criativa é uma rede. Quando imaginamos ativamente,

tecemos, e é por isso que a imaginação tem a ver com a ideia de destino; fantasias inconscientes das pessoas são seu destino. (von Franz, Marie Louise. O Gato. Um conto da redenção feminina p. 88 e 89).

Com o conhecimento de que o inconsciente atua de forma teleológica, autônoma e com uma finalidade, e de que, como um grande dramaturgo, ou como um grande tecelão, tece uma rede de infinitos pontos de conexão entre os elementos, do imenso e indelével universo interior da psique humana, minha ressalva é de que a trama, ou a tessitura de nossa vida psíquica está atada ao “fio do destino”, ou está sob a égide de uma grande dramatização de nossas fantasias psíquicas, porém não como marionetes que o destino é capaz de manipular.

Porquê, mesmo que o inconsciente seja uma grandeza ao qual seja prudente submetermos toda a nossa reverência, ainda assim, nos é atribuído uma consciência; nos subordinamos ao destino, entretanto nos é exigido fazer uma escolha, ou pagar um preço pela saúde da psique e pela amplitude do reconhecimento da ambivalência que conteúdos psíquicos podem carregar.

Por isso é que reforço a importância do auto conhecimento, do diálogo constante e permanente com nossa capacidade criativa, não importando se de forma cotidiana ou excepcionalmente. Esta capacidade criativa é manifestada nos sonhos, nos contos de fadas, nos mitos oriundos dessa natureza psíquica, expressa por imagens. “A função do mito é nos colocar em sincronia com nós mesmos, com nosso grupo social e com o ambiente no qual vivemos.” (Campbell, J. Deusas. Os Mistérios do Divino Feminino. p. 51)

Temos aqui então, o conceito de *destino*, por realização de nossas fantasias oriundas dessa dinâmica de interações constantes tecendo sempre e de novo nossa vida psíquica natural.

Sandra Paris

Instituto Dédalus

Turma 4

CRP 76/740

sandraparispsicologa@gmail.com